



## IMAGINÁRIO DE CONSUMO E RELAÇÕES DE GÊNERO NO ENSINO DE ARTES VISUAIS

Laura Sacco dos Anjos Torres<sup>1</sup>  
Maristani Polidori Zamperetti<sup>2</sup>

### Resumo

Este trabalho intenciona discutir os resultados obtidos através de uma proposta arte/educativa que teve como principal temática a questão do imaginário de consumo. Entende-se que as inter-relações entre corpo, consumo e sexualidade são evidenciadas nos discursos propiciados através de anúncios publicitários. Logo, nesse processo, encontram-se imbricadas relações de desigualdade social, bem como as relativas a gênero. Além da discussão a respeito dos anúncios publicitários, foram apresentadas obras de arte que viabilizam refletir sobre as questões de aquisição de produtos e suas relações com cultura, sociedade e identidade.

**Palavras-chave:** Imaginário de consumo, corpo e gênero.

### Introdução

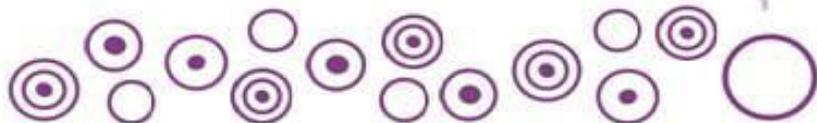
Foi pensando no papel que a mídia possui na criação de um inventário de imagens que influenciam os modos de vida dos indivíduos, que se intencionou trazer a questão do imaginário de consumo para se trabalhar em sala de aula. À medida que estes passam a desejar a aquisição de determinados elementos, desde objetos de consumo a ideários de percepção da sociedade, e na influência coercitiva das concepções estéticas quando transpostas para a percepção visual dos corpos e dos espaços, procuramos buscar na temática do imaginário de consumo, possibilidades para o ensino de Artes Visuais na escola.

Desse modo, o presente trabalho mostra-se enquanto resultado de uma experiência propiciada pela aplicação de uma oficina, vinculada ao Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) – Artes Visuais, em uma escola municipal de Pelotas, RS, com alunos de sétimo a nono anos do Ensino Fundamental.

Entretanto, apesar de o imaginário de consumo estar presente como principal questão do trabalho desenvolvido, alguns fatores foram decisivos para que questões de gênero viessem

<sup>1</sup> Graduada em Letras – Licenciatura (UCPel). Graduanda do curso de Artes Visuais - Licenciatura, Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), laura.torres.sat@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Educação, Universidade Federal de Pelotas, maristaniz@hotmail.com





à tona na produção dos alunos, sendo alguns desses: a faixa etária dos alunos (constituídos majoritariamente por adolescentes), o contexto social da escola e os desdobramentos das conversas estabelecidas em torno de análises de obras de arte e de anúncios publicitários em que eram evidenciados os processos de violência simbólica contra a mulher e a objetificação de corpos.

A discussão contextualizada das questões que abarcam corpo, gênero e sexualidade justificam-se visto que:

O corpo não existe *a priori*. Ao contrário, ele vai se formando, surgindo com o tempo, como resultado do ajustamento do organismo biológico aos modelos socioculturais de corpos masculinos e corpos femininos, estabelecidos pela sociedade de uma determinada época e lugar. Ninguém nasce com um corpo de homem ou de mulher: constrói-se um, aparentando ser um (LANZ, 2017, p. 136).

Além disso, explanar sobre as intrínsecas relações entre corpo e consumo é evidenciar as “escoriações” de uma sociedade marcada pela desigualdade social, visto que:

No Brasil o corpo é um capital. Além de um capital físico, o corpo é um capital simbólico, um capital econômico e um capital social. Desde que seja um corpo sexy, jovem, magro e em boa forma, que caracteriza como superior aquele ou aquela que o possui, conquistado por meio de muito investimento financeiro, trabalho e sacrifício (GOLDENBERG, 2008, p. 15).

Realizar uma proposição com arte é, além de lidar com questões sociais, fazer emergir a dimensão do afeto através do processo de criação, assim:

O que acontece numa fração de tempo/afetivo faz da aula um lugar em que tempo, espaço e corpo se encontram numa situação pontual, numa intersecção de educação e arte que necessita deixar-se afetar por uma estética, uma ética e uma política. O processo de transformação as ações criadoras transcende, pelos afetos, aquilo que se dá a ver no momento em que acontece. Isso porque graças à condição de espírito o corpo pode simultaneamente gozar de alegria de aprender, assim como padecer das dores das mutações inevitáveis que o pensamento necessita para conceber-se a si mesmo, quando em relação com um outro modo de pensar (MEIRA; PILOTTO, 2010, p. 11).

É perceptível que independente das práticas utilizadas nas aulas de artes, o corpo sempre estará imbrincado em complexos processos que fazem crucial resgatar determinadas relações perdidas em um cotidiano tumultuado em que pouco tempo e espaço são destinados a atividades básicas. Portanto, desenvolver propostas arte/educativas pode ser um caminho para problematizar, além de trazer à tona, questões referentes ao corpo. Logo, é uma maneira de questionar os padrões estéticos massificados pela mídia, um modo de repensar as identidades, trabalhando, assim, a conciliação de si para consigo mesmo, refletindo sobre o que consiste ser.

## Metodologia





Foi utilizada uma metodologia interdisciplinar para o ensino de Artes Visuais, a partir de uma oficina realizada em cinco etapas: leitura dinâmica do poema *Eu, etiqueta* de Carlos Drummond de Andrade; resolução de dúvidas sobre o vocabulário através da utilização de dicionários; problematização de anúncios publicitários; apresentação de imagens artísticas e discussão [destacam-se obras de Pablo Picasso, Barbara Kruguer, Richard Hamilton, Antonio de Felipe e Andy Warhol]; produção de etiquetas.

Na primeira etapa, foi realizada dinâmica e leitura do poema *Eu, etiqueta* de Carlos Drummond de Andrade. Assim, cada dupla recebeu uma etiqueta contendo fragmentos do poema, conforme o exemplo abaixo (Fig. 1).



Figura 1: Material de autoria da graduanda, contendo fragmento do Poema *Eu, Etiqueta* em fragmentos.  
Fonte: Acervo da graduanda, 2015.

Na realização da leitura do poema, os alunos foram orientados pela numeração encontrada no verso do papel, para que seguissem a ordem sequencial do poema. Essa atividade demandou a atenção dos alunos para que, escutando a leitura dos colegas, conseguissem entender o que poema transmitia. A partir dessa atividade, foram abordados alguns aspectos presentes em materiais publicitários mediante exemplos apresentados que estavam veiculados em revistas e circulação pela internet (Fig. 2 e 3). Através dessa proposta intencionava-se salientar a escolha de slogans de caráter polissêmico, bem como as relações que o leitor estabelece entre o repertório de imagens e enunciados fornecidos pelas propagandas com outros conhecidos socialmente.

Assim, imagens como a reproduzida em sequência foram apresentadas aos alunos:

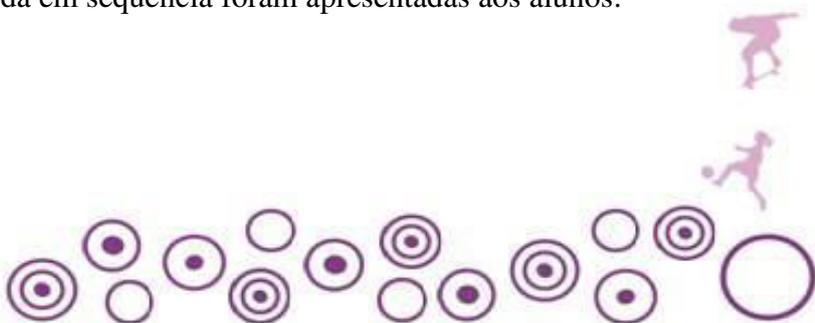




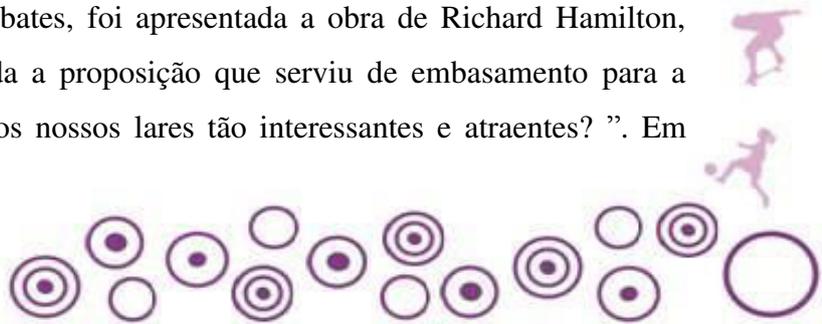
Figura 2: Anúncio publicitário da Cerveja Sol [Quem diria que você ia matar a sua vontade de se refrescar tomando Sol?]. Fonte: CERVEJA SOL, 2015.



Figura 3: Anúncio publicitário da Cerveja Devassa. Fonte: CERVEJA DEVASSA, 2015.

Cabe ressaltar que, ao apresentar esses anúncios publicitários que apresentavam a mulher uma posição servil, logo de inferioridade, as meninas manifestaram-se contra essa objetificação, expressando discursos de emancipação feminina. Situações de embate entre meninas e meninos surgiram a partir da análise, sendo os últimos reprimidos pelas adolescentes que enquadraram as manifestações dos seus colegas como um comportamento de insegurança e de machismo.

Desse modo, contornados os embates, foi apresentada a obra de Richard Hamilton, intitulada *Interior* (Fig. 4), sendo gerada a proposição que serviu de embasamento para a produção da serigrafia “O que tornam os nossos lares tão interessantes e atraentes? ”. Em





sequência, foi perguntado aos alunos se eles realmente acreditavam que aquele lar retratado na obra poderia ser entendido como atraente nos dias de hoje. Também se indagou qual o papel assumido por aquela figura feminina dentro do contexto remetido e representado pela obra.

Em resposta, os alunos manifestaram a opinião de que aquele lar não seria considerado atraente por apresentar uma televisão velha.



Figura 4: Richard Hamilton. Interior, 1964-1965. Serigrafia em papel. 49,5 cm x 63,8 cm. Fonte: AROUCA, 2012.

Em sequência, foram abordadas questões relativas à influência da mídia em nosso comportamento através das obras da artista estadunidense Barbara Kruger (Fig. 5 e 6)-



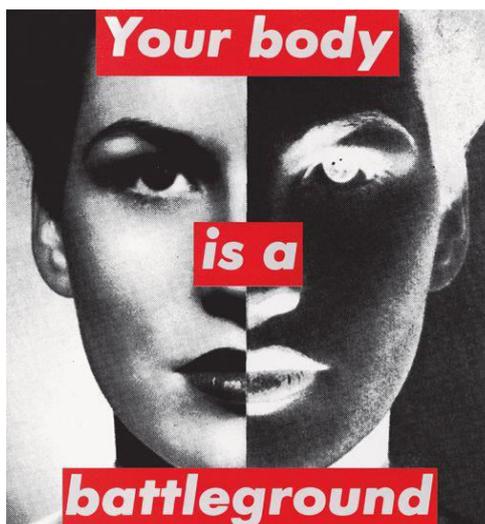


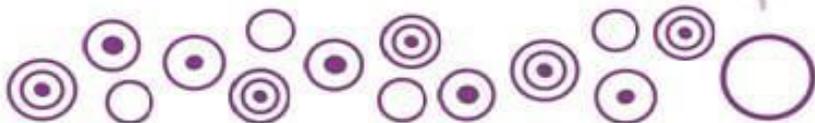
Figura 5: Barbara Kruguer. Your body is a battleground – “Seu corpo é um campo de batalha”, 1984. Fonte: AROUCA, 2012



Figura 6: Barbar Kruguer. “Face it”, 2007. “Encare! Este luxuoso vestuário não vai torná-lo mais rico ou bonito.” Fonte: AROUCA, 2012.

Desse modo, no que concerne à figura 5, uma aluna se manifestou em aula: “‘Sôra’, isso aí tá falando daquelas ‘parada’ do feminismo? ”. Já em resposta à outra imagem apresentada, um aluno disse: “Concordo e não concordo. Não fico rico por usar roupa de grife, mas ninguém pode dizer se sou pobre, posso ‘parecê’ ‘tê’ ‘dinheiro’ usando roupa de grife. Sora, gosto de ‘ganha’ e ‘compra’ roupa nova.”

Como última etapa, passou-se à confecção das etiquetas. Alguns materiais ficaram disponíveis, tais como: lápis de cor, canetinhas, giz de cera e folhas A4 de coloração branca e coloridas (rosa, azul e amarela). Conforme o andamento da atividade, essas barreiras foram transpostas e os alunos circulavam na sala para pegar os materiais com maior naturalidade.





## Resultados e discussão

O corpus para análise se constituiu de 47 etiquetas produzidas pelos alunos em sala de aula. Assim, intenciona-se discorrer a respeito de alguns trabalhos selecionados a partir da temática de gênero.

O trabalho que segue (Fig. 7) foi produzido por uma aluna que ao ser indagada sobre as motivações de seu trabalho respondeu: “Eu fiz esse desenho porque esse do desenho é o meu irmão. Minha mãe diz que por ele ser menino não precisa limpar a casa, nem ‘ajudá’ com as coisa de casa. Eu fico com raiva! Acho ruim. Isso é machismo, né, ‘sôra’? Ele não é relaxado porque é guri, como a mãe diz, é porco porque a minha mãe e ‘as mulher’ da família fazem tudo pra ele. A minha mãe briga comigo porque eu acho que não sou obrigada a limpar a sujeira dele e não limpo, e digo pra ela que ele devia fazer as tarefas de casa que nem eu” (CADERNO DE CAMPO. ALUNA LUANA, 2017).<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Os nomes aqui inscritos são fictícios dada a necessidade de preservar as identidades dos alunos.



Figura 7: Desenho produzido por aluna de Ensino Fundamental, 2017. Fonte: Acervo da graduanda.

No que concerne à próxima etiqueta a ser analisada, também produzida por uma aluna, a autora justificou sua escolha com essas palavras: “Porque é assim, ‘sôra’! Ninguém tem direito de tocar ou passar a mão! Acontece em todos lugares, no ônibus, na escola.... Deviam cobrar mais respeito dos guri. Na escola, todo mundo finge que não vê nada. ” (CADERNO DE CAMPO. ALUNA JOANA, 2017).





Figura 8: Desenho produzido por aluna de Ensino Fundamental, 2017. Fonte: Acervo da graduanda.

Em se tratando do próximo trabalho, o aluno justificou: “Zoam de mim porque não tenho pé grande. Meu pé é 38. Homem não precisa ter pé grande!”. (CADERNO DE CAMPO. ALUNO JOSÉ, 2017).



Figura 9: Desenho produzido por aluno de Ensino Fundamental, 2017. Fonte: Acervo da graduanda.

A imagem abaixo foi produzida por um aluno que perguntou: “Ô ‘sôra’, Girl Power significa meninas poderosas ou poderes das mulheres?”

Perguntou-se a ele qual uso julgava melhor: meninas empoderadas ou meninas poderosas, ou poder das meninas? (CADERNO DE CAMPO. ALUNO ROBERTO, 2017).

Ele riu e fez este desenho:



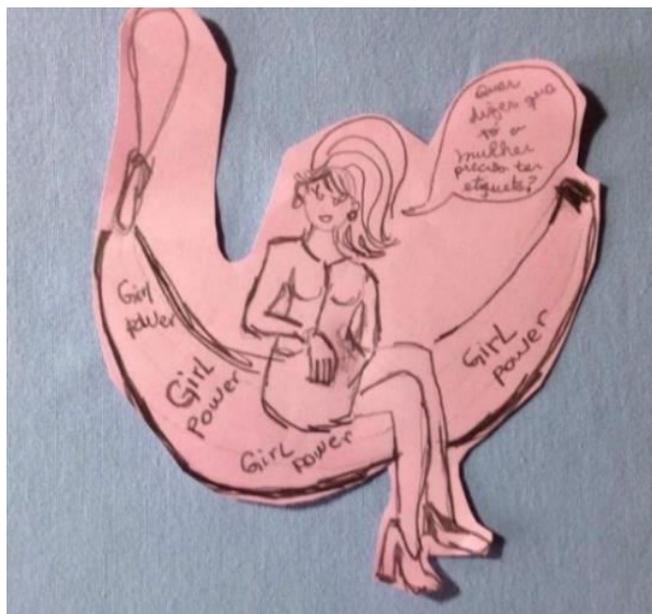


Figura 10: Desenho produzido por aluno de Ensino Fundamental, 2017. Fonte: Acervo da graduanda.

É perceptível que esta imagem traz subjacente uma boa dose de ironia por parte do aluno ao colocar uma mulher representada, sentada em uma banana, na qual estão inscritos “Girl power” repetitivamente, sendo apresentada como fala da personagem a seguinte questão:

“Quer dizer que só a mulher precisa ter etiqueta?”

Logo, está em evidência o jogo de sentidos estabelecido através da banana que pode ser interpretada como uma alusão ao falo, objeto de diversas contestações quando se pondera a respeito das considerações de Freud (2010) no que tange à orientação sexual, bem como quando se parte dos pressupostos de Lacan (1998) sobre uma dada “identificação salutar” que estaria pautada na heterossexualidade. Assim, o poder estaria associado ao falo, entretanto, os estudos de Lacan também apontam para a possibilidade de a mulher assumir posição fálica – denota-se através desses usos linguísticos uma sobreposição de gênero. Essa primazia do falo e do heteronormativismo será questionada por Butler (2003) que vai romper com binarismos e essencialismos propostos.

Conforme Tilio (2014, p. 131):

Em suma, tanto Freud como Lacan partem do pressuposto de que o pênis/falo é a norma orientadora da vida psíquica e que os homens, por possuírem pênis, possuiriam certas vantagens sobre as mulheres (invejosas do pênis e necessitadas de se ligarem a alguém que o possuía) e que as identificações, para serem normais e salutaras, devem seguir um padrão complementar calcado na heterossexualidade.

Seria interessante realizar associações entre o trabalho do aluno com a obra da artista gaúcha Zoravia Bettiol, justamente em virtude da variedade de significados incorporados pela representação de uma mulher sentada que, além de nos trazer à superfície uma série de

discursos sobre o comportamento feminino, colocam em xeque os diversos sentidos evocados por essas representações.



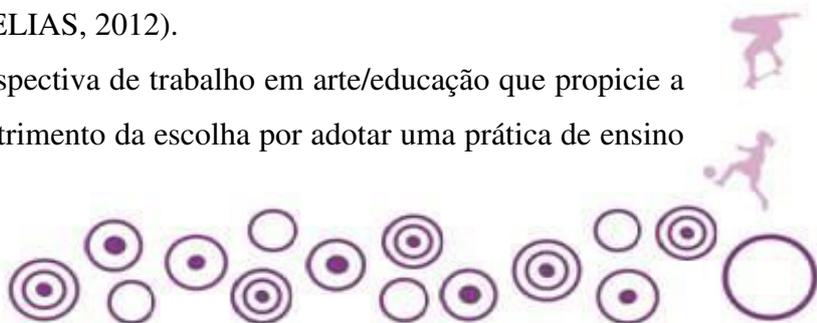
Figura 11: Zoravia Bettioli. “Namorar”. Série sentar, sentir, ser. – Fotografia e pintura acrílica, 2006. Fonte: Zoravia Bettioli (2018)

Em ambos trabalhos apresentados (do aluno e da artista), as figuras estão representadas em uma ação contemplativa, como se conseguissem suspender o tempo e o espaço numa espécie de ócio. Desta forma, é possível pensar nas reflexões apresentadas por Duarte Júnior (2010) que apontam para uma crise dos sentidos (anestesia), em que pouco tempo é destinado ao acesso do sensível. Assim, o ócio e a contemplação como forma de prazer, são fonte de estesia, sem necessidade de etiqueta, como manifestação comportamental ou etiqueta como catalogação e/ou identificação.

### Considerações finais

Depreende-se da análise dos dados que a aplicação da oficina propiciou que a dimensão do sensível fosse explorada e vivenciada, sendo demonstrada a capacidade interpretativa dos alunos e de letramentos complexos que, partindo de um discurso verbal, elaboram etiquetas a partir da posição social que ocupam, lançando mão de seus conhecimentos enciclopédicos (KOCH; ELIAS, 2012).

A importância de adotar uma perspectiva de trabalho em arte/educação que propicie a reflexão de aspectos do cotidiano, em detrimento da escolha por adotar uma prática de ensino





pautada apenas na apresentação das escolas e dos movimentos de história da arte, justifica-se através da educação do sensível em que necessitamos de uma educação crítica para as imagens.

Portanto, concluo que propiciar experiências com arte é instrumentalizar e viabilizar modos de resistência contra a massificação midiática e a violência diária vivenciadas. É através do desenvolvimento da capacidade imaginativa e contestatória que se ampliam as possibilidades de compreensão dos fenômenos sociais, sendo dispostas as ferramentas necessárias para que sejam amenizados, ou ainda anulados, os efeitos de momentos agitação que visam conduzir-lhes para situações de risco.

### Referências

AROUCA, C. **Arte na escola: como estimular um olhar curioso e investigativo nos alunos dos anos finais do ensino fundamental**. São Paulo: Editora Anzol, 2012.

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. Tradução de Michel Laud e Yara Frateschi Vieira. 16ª Edição. São Paulo: Hucitec, 2014.

BETTIOL, Z. **Reprodução da obra *Namorar***. Disponível em: <<http://www.zoraivabettiol.com.br/obras/pinturas>>. Acesso em 11 abr. 2018.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

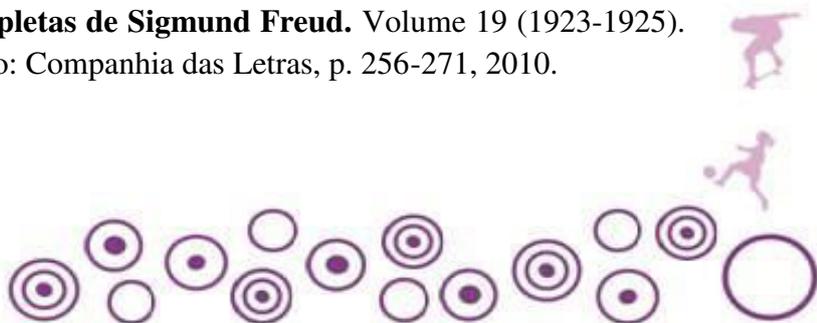
DEVASSA. **Anúncio publicitário**. Disponível em: <<https://paginadoenock.com.br/cartaz-da-devassa-e-o-milionesimo-anuncio-de-cerveja-que-usa-a-mulher-como-chamariz-para-vender-alcool-trata-se-de-uma-propaganda-imoral-cabe-perguntar-a-bela-atriz-alinne-moraes-que-protagoniza-o/>>. Acesso em 11 abr. 2018.

DUARTE JR, F. **O sentido dos sentidos**: A educação do olhar sensível. 5 ed. Curitiba: Criar Edições LTDA, 2010.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhete. 41 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. **Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso – ADD**. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.14393/DL23-v10n3a2016-15>, 2016>. Acesso em 11 abr. 2018.

FREUD, S. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925). In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Volume 19 (1923-1925). O ego e o id e outros trabalhos. São Paulo: Companhia das Letras, p. 256-271, 2010.





GOLDENBERG, M. **Coroas: Corpo, Envelhecimento, Casamento e Infidelidade**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

KOCH, I.; ELIAS, V. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

LACAN, J. A significação do falo. In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro, JZE, p.692-703, 1998.

SOL. **Anúncio publicitário**. Disponível em: <<http://sandeepmakam.blogspot.com.br/2006/11/sol-beer-from-brazil.html>>. Acesso em 11 abr. 2018.

TILIO, R. de. **Teorias de gênero: principais contribuições teóricas oferecidas pelas perspectivas contemporâneas**. Revista Gênero, vol. 4. N.2, p.125-146, 1 sem de 2014. Disponível em: <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/viewFile/626/380>>. Acesso em 11 abr. 2018.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira  
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

